

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLÍTICA E DOS NEGÓCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## O marquez de Pombal e a sua amizade com os jesuitas

Como se fabricam as lendas — O marquez de Pombal reaccionario — Porque lhe chamam liberal? — Alguns factos que demonstram o contrario — As razões de não se continuar o monumento

Quando em Portugal se fala — como agora — do marquez de Pombal ha sempre duas correntes em combate: a jacobina e a reaccionaria com as suas diversas expressões. Uns dizem que elle era um liberal; os outros parecem querer dar-lhes razão quando pleiteam.

Ora, meus senhores, o marquez liberal — eu o vou provar num livro que está a imprimir-se — nunca existiu. Seria uma monstruosidade tão rara na sua época como foi um monumental acervo de crimes a sua vida. Para se dizer isto, é necessario ter provas; é preciso sentir a segurança do que se afirma, em relação a esse vulto político — ferozmente reaccionario, repito — que nasceu, faz amanhã 13 de maio, duzentos e vinte sete anos, governou, perto de trinta, uma vontade real e morreu nos braços do cirurgião Quaglia, depois de ter feito o pedido de «zagalotes para ir aos lobos», isto, o octogenario e de pernas inchadas.

Começou, esse inimigo da Companhia de Jesus, por ser um grande devedor dos jesuitas. Sinto os liberais estremecendo a essa ideia do contacto com o roupeta detestado, mas foi exactamente assim conforme provarei. Jamais um filho de Loiola teve tantos disvelos para um profano como o padre Carbone, em prol do futuro perseguidor dos seus irmãos e ao que os admiradores do marquez chamam a *seita negra*.

Sebastião José de Carvalho, que se busca impôr como um precur-

sor da democracia foi — por assim dizer — *pupilo dos jesuitas*. Aceitou-lhes os favores, enalteceu-lhes as qualidades e só se ergueu contra elles na hora em que a ganancia o moveu.

Os grandes tratos de terreno que os padres cultivavam nos sertões do Brazil, o seu dominio sobre os indios e a tentativa da fundação de uma republica nas selvas, excitaram o valido real que desejava crear uma das suas efémeras companhias das quais só elle e os seus apaniguados tiravam proventos. Lançou-se na guerra contra os antigos amigos; não hesitou em os dizer metidos numa conjura contra a vida do rei — singular drama em que elle se lambuzava de sangue inocente — mas era tal o seu respeito pela religião que nem um só dos padres acusados subiu ao cadafalso.

Os fidalgos morriam no meio de torturas, a linda cabeça da marquezia de Tavora caíu decepada; os carrascos quebraram os ossos aos condenados da maior nobreza, largaram fogo ao patíbulo embreado, e as carnes dos grandes da côrte — um duque, uma marquezia, um marquez, um conde, mais gente da alta estirpe — rechinaram na grande fogueira que o vento, soprando das bandas de Alcantara, ateava no cais de Belem.

O processo pelo qual os condenou, é uma infamia. Pois bem: o marquez, assistindo de uma janela do palacio da Ajuda ao levantar das labaredas, na qual se consumiam os inimigos e cuja fumarada era o sinal da sua vitória, elle, tão adversario da Companhia de Loiola, no dizer dos liberaes, sabia bem que nem uma só nuvem desse fumo se alimentaria no cadaver de um padre.

Parece, pois, que tendo-os repellido por um motivo de odio religioso, melhor teria feito — ante as certezas de sua cumplicidade com os reus — em os levar à morte. Não o fez. Apenas os expulsou numa especie de terror supersticioso como mandaria abrir as fronteiras para saírem os judeus, se acaso elles resistissem à sua supremacia. A esses, porém, é provavel que os guindasse ás forcas.

Um unico padre subiu ao cadafalso. Era um velho, meio demente, que ganhara as doenças e o enfraquecimento na conquista da alma dos indios e na pratica exagerada das leituras místicas.

Chamava-se Malagrida e, nos paroxismos da loucura, traçara algumas paginas de um livro, onde falseava pontos da fé, da convencional fé do Santo Officio. Quem o denunciou por hereje — reparem bem os que o julgam ministro irreligioso — foi o conde de Oeiras, elle proprio, como familiar do Sagrado Tribunal.

Quere dizer, este antepassado da maçonaria elevava até à fogueira um tonto ancião, acusado de praticar heresias. Heresiarca lhe chamavam! Foi purificado pelo fogo, como então se dizia, e quem apontou o seu delicto foi aquele que uma legenda mentirosa envolve em ateísmo.

O marquez não deixava ninguem suspeitar dos seus ardorosos sentimentos católicos. Existe uma declaração do seu punho, na qual enumera todas as irmandades a que pertencia, as missas que pagava, as crenças que o enchiam. Só as desconhece quem temia em mentir, por uma historia mal engendrada, ante a expulsão dos Jesuitas.

Convencionou-se que a Companhia era a grande inimiga da liberdade; alguns homens que não deviam ignorar as bases da instituição que combatem chegam a imaginar serem os jesuitas quem mandava na Inquisição, ordenavam os autos de fé e os processos por heresia.

Não eram. Os padres deste tribunal eram os dominicanos.

— Pois bem: estes ficaram em Portugal, acariciados pelo tirano; os outros — os que lhe embargaram o negocio — partiram expulsos do reino.

Aponto factos, não faço defezas nesta hora em que se quere celebrar o Pombal mais uma vez, o que não me repugna desde que se não apresentem sob uma falsa feição. Presidiu à reedificação de Lisboa, é certo; era um inimigo do ateísmo, também é verdade. Perseguiu quem não se dobrava à sua caprichosa vontade, — oh! isso absolutamente — é uma venda de espectros, aiando, dentro das muralhas do forte da Junqueira, vai farandolando a acusá-lo.

Depois das mortes dos grandes fidalgos, o encarceramento de muitos outros, por simples parentesco com elles, por vagas afinidades até: Alorna, S. Lourenço, Calhariz, Ribeira. O conde de Obidos pagava um delicto antigo para com o detentor do mando. Quando do terremoto como se quizesse inculir no animo do rei ser a catastrophe um castigo de Deus pela sua confiança no ministro que retirara as barbadinhas do paço, êle exclamara: Mas como sendo assim, não desabou a minha casa da rua Formosa?

O Obidos, num dos seus repentos, redarguira: Também não caíram as das desgraçadas da rua Suja.

Os anos passaram e no primeiro momento em que foi possível satisfazer a vingança, o poderoso estadista não hesitou. O fidalgo entrou na prisão a pagar a frase como o outro que, ao ve-lo, entre uma escolta de dragões e ao som de uns timbales, bradara:

— Lá vem o urso!

Houve commerciantes condenados porque noutros tempos tinham sido menos prontos em satisfazer o político de hoje, então simples enviado em Viena. Sucedeu isso com Feliciano Velho. Por causa de demandas encarcerou gente; roubou uns moinhos aos Braamcamps e ameaçou-os, mandou justicar os Tavoras por uma negativa, do bispo D. Antonio, a uma aliança com os seus.

Casou à força um filho com uma riquissima herdeira que teria morrido num convento se acaso Pombal continuasse mais tempo no poder. Essa menina, teimosamente, recusara-se a receber o marido no leito conjugal. Chamava-lhe, indignadamente, *O Bichinho de Conta*, por aquella persistencia em resistir ás suas ordens. Só conseguiu cobrir de ridiculo o rebento da sua raça, o conde da Redinha, que jamais fez vida marital com a esposa e cujo casamento Roma anulou. Ela veio a unir-se, após a perseguição miseranda, com o homem amado, um filho desse fidalgo do Calhariz que, no forte da Junqueira, morria desesperado a narrar, atravez das grades, os seus pecados a uma sentinela bisonha; pois até lhe tinham recusado o confessor.

Foi depois feliz a pobre senhora; do seu matrimonio com o escolhido, nasceu o primeiro duque de Palmela.

Pombal era assim. Sempre que lhe punham um obstaculo, lhe entravavam os passos, lhe escangalhavam um negocio não queria saber de justiça, mas de preconceitos. O rei assinava tudo com a sua firma complicada. Só queria que lhe poupasse os três Pedros — como êle dizia — D. Pedro de Marialva — um digno e grande fidalgo — D. Pedro de Anjeja outro nobre da sua intimidade e Pedro Teixeira, o alcaiete real. O resto, mesmo os irmãos, mesmo os do seu sangue, entregava-os ao valido ambicioso que enriquecera fabulosamente.

Imaginá-lo, depois de tudo isto, um liberal — como já em tempo offi-

cialmente se chamou aos Tavoras inimigos do povo — é um erro tão grande que os verdadeiros amigos da liberdade não podem continuar a consentir-lo.

A expulsão da Companhia — repito — não obedeceu ao mais vago impulso anti-religioso, mas apenas à raiva desencadeada ante um negocio perturbado no Brazil.

Quando os homens do povo do Porto tentaram resistir a uma outra das suas combinações, elle arranjou para os dominar sentença ainda mais cruel do que a usada em relação aos ignacianos.

Desejava o ministro colocar bem os seus vinhos da quinta do Oeiras. Formava-se no Porto a Companhia dos Vinhos e elle vendia os seus licorosos para a lota com a da região. Recebia, para a esposa, algumas acções do novo trafego e mandava limitar o preço do vinho. Era um monopólio. O povo revoltou-se às ordens de lavradores que pagaram, bem caro, ao magistrado instaurador do processo a sua liberdade, as suas vidas. Algum dos intitulados cabeças de motim — um idiota a quem chamavam o *Tatebitate*, um outro alcunhado do *Chêta*, duas meretrizes, a Pascoa Angelica e a *Estrelada*, subiram à força por ordem desse homem ganancioso.

Pelo processo aplicado em relação aos jesuitas vê-se que elle tambem seria inimigo do povo, desde que o matava quando lhe tentava impedir os lucros.

De resto, é necessario analisar a figura d'este a quem eu chamo na minha obra em impressão — *pupilo dos jesuitas*.

Embora se lhe reconheçam qualidades a unica que lhe desejam colar ao nome — a de liberal — é a mais erronea. Nunca o foi. Tampouco soube administrar. Os relatorios enviados pelos plenipotenciarios estrangeiros aos seus governos — e algum dos quais eu li — são mais claros do que a lisongeira historia escrita por medrosos ou por apressados.

Não o desejo demolir; apenas o quero no seu logar.

O governo acha que elle é no Panteon; ha quem o queira na egreja da Memoria — edificada para comemorar a salvação de D. José no dia do atentado em que Pombal inculpou inocentes; a familia deseja-o na capela das Mercês, onde jaz após a trasladação do seu desterro.

Não me pronuncio sobre o sitio onde deve repousar. Na historia é que não o quero sob a legenda falsa de que o rodearam.

O resto é-me indifferente. Pombal não tem ainda uma estatua — dizem, indignadamente, os maçons — Pombal vai ter uma estatua! gritam furiosos os reaccionarios. No fim, ella mais devia agradar aos ultimos que aos primeiros, aos quais vou revelar, aqui em segredo, as razões porque o monumento ainda não está feito.

Lembram-se daqueles enormes subterraneos que existiam de Campolide para o palacio real, largos, enormes, por onde passavam carruagens com jesuitas? Pois bem, embora ninguem os tivesse visto, elles existem e é na sua treva, no seu segredo, no seu misterio que os da Companhia — os da *seita negra* — vão, todas as noites, puxar pelos alicerces do monumento a Pombal afim de não os deixar crescer.

São capazes de acreditar nisto tanto como crêem no liberalismo do tirano.

## Explicações aos meus eleitores

**Da eleição à posse — O meu programa municipal — A policia e a administração — O que que exigem os municipes — A obra a realizar**

Naturalmente os meus eleitores extranharão que seja neste panfleto que lhes dirijo explicações. Preferiam talvez lê-las nos jornais partidarios ou num manifesto. Eu, porém, habituado a conversar daqui com alguns milhares de fieis que me acompanham na demolição; no comentario e na critica, escolho as paginas onde mais escrevo para estes necessarios dizeres.

Começo por lhes afirmar que nunca julguei ser eleito após a anulação das primeiras assembléas. Tinha contra mim certos moageiros e alguns partidistas que já, quando da primeira consulta tinham manifestado a sua cólera. Devo acrescentar, tambem, que não havia em mim o menor interesse em ser vereador. Confesso, pois, que tomando compromissos de trabalhos largos, o primeiro volume, obra sobre a vida moderna, que ha muito principiara—*Mundanos*; um livro de scenas politicas contemporaneas, *João Franco e o seu tempo*, além do estado das cronicas relativas à verdade sobre a *Rainha Santa Isabel*, tomavam-me o tempo e não me deixavam senão as horas indispensaveis ao *A B C* e os dias precisos para esta colaboração com Roberto a qual tem obtido o exito que tambem não esperava.

Não nego ter caminhado, este ano, de surpresa em surpresa.

Das minhas ideias sobre os serviços indispensaveis à cidade esquecera o que um vereador deve saber, mas guardara o que compete a um jornalista e quando me vi eleito, saldei primeiro os compromissos com quem os assinara e dispuz-me desde este começo de maio, a tomar parte nas comissões para que me nomearam: mercados e feiras, carnes e lavadouros. Já trabalhei no primeiro assunto; espero corresponder à confiança que em mim depositaram à surpresa do meu partido e dos

meus amigos a qual imaginei falhada não só pelos processos indicados mas ainda por um outro deveras singular.

Os democraticos abateram nas suas proprias listas alguns nomes para favorecerem os dos inimigos que, por ventura, julgaram menos combativos. Magalhães Colaço foi iliminado por este processo; a Azevedo Neves ia succedendo o mesmo, eu fui o eleito de menor votação. Como já disse, não esperava entrar no municipio. Posto isto, vamos ás explicações que devo a quem me segue e a quem me elegeu.

Quando entro os portões da Camara Municipal deixo cá fóra — embora longe da esquadra de policia — os meus principios politicos como quando entro numa sala entrego o chapéu, o sobretudo e a bengala. Dentro do municipio converso, discuto, analiso, colabero até com o meu mais implacavel adversario, exactamente como numa casa onde entro para um acordo não levanto conflictos.

Já me aconteceu mesmo na rua uma cousa singular. Encontrar-me a segurar por um braço um pobre epiletico que espumava, enquanto no outro o agarrava naturalmente pelo mesmo impulso que me movera — certo jacobino que, meses antes, alvoroçara contra mim a populaça da qual escapei. Acabada a obra de bem fazer, encaramo-nos com menos colera.

E' o que me vai succeder nesse recinto da Camara. A obra que os meus colegas iniciaram de pura galhardia, a paz que reina ali entre os dois grupos mais antagonicos do país, é a mesma que eu desejo, porque embora tenha de encontrar algumas das minhas velhas recordações de combate é certo que perante elas me lembro tambem de alguns momentos da doce vitória. Qual de nós, durante este periodo de guerra nacional, não venceu já e não foi vencido? Só quem não batalha e quem não lutou pode ser um cidadão simpatico, mas é tambem um tipo muito condigno.

Estabeleceu-se um acordo tacito, desde as primeiras horas, entre monarchicos e democraticos. Baniu-se a politica da Camara; mãos que julgavamos apertarem armas estenderam-se para as nossas e ao cabo dumas horas de convivio, declarou-se que ali só se devia fazer administração. Distribuiram os serviços das comissões; teem-se portado lealmente. Aqui estou eu asseverá-lo e oxalá que não haja motivo para me desmentir. Admiram-se decerto de lhes falar assim; mas eu só escrevo a verdade como a sinto e garanto-lhes ser absolutamente verdadeiro o que aí fica.

Diziam ha dias alguns dos meus correligionarios que havendo em mim muito de combativo, difficilmente me amoldaria a uma colaboração com os inimigos alguns dos quais tiveram comigo pelas conspirações e pelos seus resultados, encontros dolorosos. Diziam os adversarios que eu não largaria a minha forma de ser e naturalmente, desmancharia

aquele acordo de bom entendimento fazendo politica. Ora é exactamente o contrario. Desde que me falaram em ser vereador até que a imprensa me entrevistou, a minha norma foi esta já largamente publicada: «*nada de politica, só administração*».

E' uma bandeira que ambos os partidos se dispõem a segurar desde que à sua sombra se possa estar sem perigo de maus contagios.

Tanto é assim que pela primeira vez na minha vida, e nunca o julguei possivel; estou de acordo com o senhor dr. Daniel Rodrigues quando ele diz ser necessario «*arrumar a casa*».

A casa é a cidade. São seus jardins, seus mercados, suas ruas, suas habitações, seus transportes, as pedras em que tropeçamos, as covas onde caímos, a lama onde nos atascamos, tudo isto que nos deixaram por herança com algumas profervias, algumas dividas e alguns empregados a mais. Pois bem, vamos todos, unidos, após os trabalhos serenos e reflectidos de gabinete — durante estes quatros anos — abrir nos jardins mais distracções, criar as bibliotecas portateis no seu ambito, vamos erguer mercados nas condições necessarias, verificar das suas faltas, escolher o seu pessoal, vamos a mandar remover esses lixos que existem mesmo das mais belas arterias, tapar essas covas, empedrar esse solo, obrigar a compôr a via publica quem o escangalhar para obras, isto satisfazendo à Camara as respectivas licenças, vamos a organizar as escolas municipais e a entendermo-nos com o govêrno para pagar a divida ao municipio afim de não se recorrer a emprestimos e vamos a conversar com as Companhias que mais disfructam da cidade sem a preocupação da politica dos seus dirigentes; vamos a dar colocação aos funcionarios a mais e a fechar a porta a novos pretendentes. Com isto, e com algumas ideias, é facil trabalhar de acordo e satisfazer os municipales.

O que eles nos pedem não são maravilhas de arquitetura nem jardins encantados, tampouco grandes palacios nem explorações espaventosas: não nos obrigam a fantasiar, querem realidades: mais luz, menos covas, menos lixo, mais agua, melhoria nos transportes e nas habitações.

E' muito, mas é pouquissimo diante das exigencias das capitais doutros países.

A luz obtem-se com o cumprimento dos contratos e uma energia mais intensa que a das suas correntes electricas; a agua mediante um tratado de mutuas concessões tambem aparecerá, o mesmo sucede em relação ao barateamento dos transportes — desde a criação do carro para o trabalhador, para o empregado de escritorio, para o funcionario, o carro da vinda e da ida para os trabalhos até à abertura de linhas nos bairros populares.

A habitação tambem não é um problema insolúvel porque ha ali terrenos enormes para edificar e será facil encontrar quem tome as

acções duma empresa para esse genero desde que se esboçam já capitalismos para grandes luxos citadinos.

Mas primeiro que tudo isto temos as ruas por concertar e o lixo a amontoar-se.

Vamos a remover um por sobre os pavimentos sem covas, vamos a fazer a *toilette* da cidade sem ela dar por isso, sem que o Chiado veja as carroças passando ás 11 horas da manhã e sem que a Baixa sinta, pelas tardes, as vassouras levantando poeiras mortíferas.

E' isto que o senador Daniel Rodrigues chama «*pôr a casa em ordem*»?

Muito bem. Vamos a isso. O municipe agradecido podendo caminhar sem sobressaltos e sem chapadas de terra sobre o fato, vendo pelas noites, o seu caminho, compreendendo, pelas contas publicadas, o que representa este esforço ficará satisfeito e então poderemos pensar em lhe dar mais alguma cousa. A ambição do supérfluo não se póde aplaudir em quem não ganha o necessario.

Ha situações que são incompreensíveis, como, por exemplo, um homem com fome a beber champagne, uma mulher de camisa suja e rota embrulhada numa zibelina, uma criança emporcalhada brincando com um objecto de contos de reis.

Vamos, pois, a arrumar a casa e a meditar no resto ponderamente.

Nós, os vereadores, vamos trabalhar agora sem medo, sem alardes, sem grandes exageros mas utilmente. Passou o momento do programa; vamos executá-lo nas comissões sem nos lembrarmos, como dizia o velho Thiers, do que podemos pensar ácerca de côres, quando a cidade precisa de nós.

A explicação que nos jornais do meu partido seria longa, fica aqui muito bem.

Deste modo cumpro um dever para os eleitores, dando-lhes contas e para com os meus leitores fieis mostrando-lhe como não deixo de trabalhar.

# A Republica, hóspeda dos cofres fortes

Os passeios nocturnos de Roberto — Suas visões e suas duvidas — A rapariga metida num "in pace", — Como a calam e se calam — Os políticos calxeiros dos argentarios?

Esta manhã, Roberto — mais panfletario do que eu — appareceu-me a contar a sua extranha visao. Era, porém, tão sincero a falar, que o ouvi e registei seus dizeres e seus comentarios.

Só agora tivera a certeza do que, certa noite, se lhe deparara, num tempo em que vagueava pelas ruas e assistira a um singular espectáculo.

Lisboa, sobretudo na parte da Baixa, transformara-se e ele mais claramente vira, apesar das trevas — muita gente puxando grandes vigas de ferro e entrando para casas em demolição. Desmanchavam-se predios e os grandes blocos ferreos subiam por guindastes a formar pavimentos. Tinham o aspecto de ossatinas enormes; pareciam carcassas de tubarões içadas, nas quais se martelava muito á luz de focos electricos. No batar enorme das cavilhas, no rumoroso pregamento das massas extensas, ele alumiava-se e pretendia adivinhar o que se fabricava nessas ruas tranquilas que se iam destruindo aos poucos para erguer novos edificios no terreno conquistado. Eram os Bancos que refundiam as fachadas.

Roberto contava, então, entre marcas de alucinações e olhares de quem não acredita ainda, que lhe pareciam ossos do país, toda a espinha de Portugal, mas dum Portugal cetaceo, que eles levavam para a sua tarefa no misterio da noite larga. Sim, porque de dia, aquelas furnas apresentavam o aspecto de alvas regulares com seus pedreiros acastelando a pedra, seus canteiros afeiçoando as fachadas, seus serralheiros ajustando as traves e seus olheiros ordenando o trabalho.

No meio da casaria muda, pombalina, inestetica — fantasias de outras edades — aquilo tinha o ar de uma dança demoniaca, raspando, luzindo, cravejando-se nos arrebitos que braços musculosos ajustavam para se acachaparem os botões sob a pancada forte das marretas.

A cidade dormia; de quando em quando, um guarda noturno passava lesto, ferrejando chaves e, ao longe, no rio, gritos extranhos de se-reias a bordo, alarmavam como se soltassem esconjuras.

Sumiam-se, numa vertigem, os ultimos carros e, nas noites de luar, os homens trabalhando, desengonçavam uma cabriola de gnomos dentro dos paredões, ou, nas descidas do astro, assemelhavam-se a demonicos

barafustando sob luzes bem focadas, as das grandes lanternas electricas que projectavam nos rebocos as suas enormes sombras.

Carroças pesadas alarmavam as calçadas, bois côm de cobre na mancha rubra dos fogareus, ruminavam aliviados do seu peso, e quando a manhã raiava, a aurora chegava a dedar de côm de rosa, os espaços e o Castelo parecia uma ruina de oleografia, o elevador de Santa Justa uma guilhotina colossal a dominar o Tejo, Roberto via passar os bandos ensonados nas horas em que os primeiros vehiculos rodavam para os mercados com as suas florescencias de hortaliças: os nabos marfineos, as cenouras dum cobreaceo diluido, as ramas verdes, os broculos arroxeados-se naquele meio tom do dealbar.

Depois, de dia, quando toda a gente se movia na pressa de quem lida, Roberto analisava as casas com seus andares tranquilos — por detrás de cujos muros se passavam dramas — e fa-se á sua vida excitada de fantoche demolidor, julgando que tudo aquilo era um sonho acacharoletado pelas libações nas tabernas onde topava revolucionarios. Sim, porque o meu colaborador não parava um instante mal ouvia os primeiros passos tamanqueados das ovarinas e a correria, o *chape-chape* dos vendedores de jornais.

Uma noite, porém, ficou mais algum tempo na esculca e descobriu que entrava para uma dessas casas, cujas paredes se taboletavam em letras dum oiro muito vivo, um bando de homens elegantes, risonhos, bem dispostos, levando entre eles uma rapariguita côm de fogo, vestida de camisola vermelha e de saia verdeana. Parecia um rabanete acre colhido de fresco, mas nos seus labios uma gula se desenhava tão bem que ele — sem o seu barrete em forma de cornucopia que lhe tomava a frente lisa — julgava vêr uma dessas especies hortícolas caída dalguma carroça, mais sacolejante. Conduziam-na e ria dum riso sacudido de garota a perverter-se, ia, como uma espreitante das noitadas, após uma tertulia, com os esturdios, gargalhando domada.

Entrou; sumiu-se nos corredores escuros, apareceu depois atravez das janelas ainda encruzadas dos riscos da cal, e Roberto — ele o diz e eu o creio — assistiu a todo o resto. Passara — o garotete — nas escadarias, penetrara nos desvãos, chegara ás salas e deparara com cofres enormes, colossais, todos de ferro fundido, de altura de predios, divididos como as celulas de uma reclusão — a Penitenciaria do dinheiro — diante dos quais os homens ajoelhavam num cerimonial de missa negra. Ela ria sempre, louca e tonta, arrepiada e alegre, abria sobre os seios pequeninos um decote e oferecia a sua comoção rosa lactea aos olhares dos que a cercavam. Eles, porem, só encaravam com os monumentos de ferro, com os magnificos e gigantescos cofres e acabavam por tentar abri-los num esforço, suando, bagueando-se de transpirações suspeitas.

Depois um acariciava-a, outro empurrava, e acabava por dominá-la nos seus braços.

Soltavam-se as tranças da rapariga, uma corrente de colera a electrisara, por um vago instante apenas, e, ao cabo de algum tempo, as portadas novas das arcas ferreas e formidaveis, esgarçavam-se com um rangido sinistro no qual Roberto julgou ouvir os compassos de um hino de desvario. Aquilo tinha muito do grito estridente da hiena esflaimada e da virgem que se violenta. Foi ha anos.

Roberto passou muitas fomes e sofreu muitos desgostos mas não deixou, jámais, de rondar por ali e conta, então, como assistiu ás peripecias

da sua grande noite de maxima visão. Sabia os caminhos que abriam para aquelas salas — as dos cofres fortes — como já anunciavam as taboletas e assistira, vezes a fio, encolhido e enfiado, a uma scena singular.

Primeiro soavam berros, depois gemidos, por fim imaginava que as paredes se abriam e, então, os homens surgiam, com outros mais tranquilos, enfrontavam as portadas metalicas e tocavam em botões grandes como discos de gramofones, luzentes e scintilantes onde fulguravam letras em circulos.

Havia naquilo alguma cousa de magia. Remexia-se o alfabeto, formavam-se palavras, e logo gemiam os gonzos daquelas enormes fortalezas e Roberto, confessa-o — como se dissesse a Deus os seus mais intimos segredos — a garota surgia mais rubra, mais apopletica, mais endoidada e estendia as mãos. As palavras cabalisticas com que se abriam as portadas eram estas: *A Bolsa ou a Vida!*

No esgarçamento dos paredões de ferro ela apresentava sempre as conchas das suas mãos, de dedos longos e de unhas rijas, e, então, como quem dá *bonbons* a um pequeno berrento ou como quem oferece calmantes a um alucinado, êles entregavam-lhe rolos de libras, de escudos, de *dollarss* e, com uma venia graciosa, segurando as guloseimas, a prisioneira, sumia-se. Por detrás dos cofres imensos apareciam, então, os que a tinham conduzido, falazavam e saíam tilintando dinheiro, como após uma jogatina desenfreada as que nela mergulharam partem roubando varias catadupas de metal fundido, brilhante e poderoso para satisfazer vícios, desde a vaidade aos gosos infernais.

Rompiam doces as manhãs. Roberto perdia-se na cidade, e, no seu pobre cerebro de fantoche de madeira, julgava — alucinadamente decerto — vêr a rapariga desnudada e os homens a sorvê-la. Imaginava — êle é um rebelde — vêr a república dormindo — como uma mundana — hoje num cofre, amanhã noutro, para pagar aos amantes.

Ha pouco, o meu colaborador repetiu-me muito irado e concluia: — E era . . . E é . . . agora tenho a certeza . . . !

Desdobrava um jornal e victorioso, triunfante — como um homem que acaba de verificar não ser uma fantasia a sua teima — leu-me o seguinte, extraído da *Imprensa da Manhã* e, segundo este periodico, pronunciado por uma figura do regimen, que podia ter sido ministro e preferiu afastar-se, o antigo deputado democratico dr. Lopes de Oliveira, antigo chefe de gabinete do doutor Bernardino Machado:

— «*Afirma* — o orador no comicio das cooperativas do Teatro Nacional — *que é preciso fazer um inquerito ás fortunas pessoais de todos os deputados, de todos os chefes de gabinete e de todos os ministros, porque três quartas partes dós parlamentares são socios de companhias sem lá terem quota, motivo porque não são mais do que caixeiros dessas emprezas*».

Ao que parece — acrescenta Roberto — eu não sonhei, vi, vi, vi . . .

Tive medo dêle; crescera. Julguei que se agigantava e, de mãos crispadas, queria alçar-se até à realidade que, neste país, é sempre maior do que as mais singulares fantasias.

## O meu mercieiro "Elicito"

Vida e virtudes de meu fornecedor — As ideias  
e os pesos — As ambições dum patriota tendei-  
ro — O queijo flamengo e a patria — O desespere-  
ro dum cidadão modelar

O meu mercieiro Elisio Gadanho — senhor Elicito como lhe chamam na rua — alardeou sempre um feroz democratismo. Nos tempos da propaganda aguardava ansiosamente o domingo para ir aos comícios; fez parte dos primeiros centros republicanos da fase revolucionaria e se não pegou em armas para se bater, foi porque, na sua qualidade de comerciante, não podia deixar a loja abandonada. Começara com uma xicaca na travessa do Cebeiro e abrira depois a sua mercearia na rua nova, toda cheia de lampadas electricas e de montras bem fornecidas. Quando nos comícios, ouviu os caudilhos anunciarem o bacalhau a pataco, esfregava as mãos e exclamava:

— Vem a ficar para a gente aí a cinco réis... Viva a republica!

Esta manifestação era sempre íntima, muito receosa da policia mas sincera, bem dos refolhos. O senhor Elicito nunca desvanecera em seus ideais.

Proclamava os seus crédos com moderação, dizia-se amigo da liberdade e da moral. Grande punidor dos caixeiros que lhe comiam os figos, alcunhava-os de ladrões e batia-lhes. Os rapazes diziam que ele roubava nos pesos aos correligionarios, falando-lhes do futuro, aos adversarios evocando as glorias da patria, só uma e de todos, aos pobres recordando-lhes os créditos por satisfazer. O seu grande simbolo era um queijo flamengo. Nunca deixava de o ter na loja mesmo quando faltava nos outros estabelecimentos, amava-o pelo seu feitio de bola, sobretudo pelo seu tom rubro, acariciava-o, desdenhando dos redondos da Serra, que dizia ele, se derretiam como fidalgotes diante das senhoras. Até nos queijos o meu mercieiro Elisio Gadanho — o senhor Elicito, celebrisado assim pelos fregueses — era radical.

Após a vitória republicana ficou tão contente que aviou meio quilo de manteiga apenas com cincoenta gramas de menos e, no seu entusiasmo, deu duas castanhas piladas a um petizote. Sua filha, a menina Alice — a Elicitazinha, diminutivo carinhoso deferido pelas mulheres do bairro à vergonteia do cidadão tendeiro — vestiu-se de republica exactamente como a do senhor coronel Roçadas que era ajudante do rei.

Passadas as primeiras alegrias, o peso voltou a regular à antiga, ao acaso e os preços a subirem em vertigem. Que era preciso auxiliar as instituições. Se lhe falavam no bacalhau a pataco enfurecia-se e asseverava não ser de patriota, nem de bom cidadão desejar semelhantes baixas. E, então, ao saber das incursões, furioso, ardendo em iras, levantara logo dois escudos no quilo de chouriço e três no do toucinho, combinara com os colegas mais aumentos, tudo com o fim bem justo, de não se poderem mandar carnes ensacadas, nem mantas de banhas para os rebeldes. O preço pegou e ele, florescente, rubicundo, satisfeito o espirito, contente a bolsa, radiante na loja e na família — a Elicitazinha já andava no Conservatorio — safu eleito para a Junta da Paroquia. Daí por diante foi soberbamente feliz e abriu uma nova tenda com taberna. Vendia um vinho baptisado; e dizia sorrindo, à noite, ao deitar-se: Não podem queixar-se que sou contra a religião... Lá nisso não concordo com os meus correligionarios.

É que o senhor Elicito filiára-se — como a maioria dos colegas — no partido democratico. No 14 de maio deu um beberete em casa; houve brodio e combinações para se altear as batatas.

Naquela noite fatal em que o senhor Afonso Costa safu dum electrico pelo mesmo logar por onde entrou na Academia, o patriota da merciaría ameaçou ceu e terra se o seu chefe não escapasse. E aumentou mais dois escudos na manteiga da ilha. O flamengo, como grande simbolo de seus ideais, já chegara a vil mil réis o quilo.

Mal começou a propaganda da guerra o meu fornecedor começou a armazenar generos. Alugou um barracão no pateo dos Farelos e nêle — como se esperasse um cêrco — guardou todos os viveres que encontrou. Os da classe fizeram o mesmo e, num arranco profundo, o senhor Elicito, gritou nas ruas: Viva a guerra! Abaixo os traidores!... e vestiu a Elicitazinha de republica universal. Era o mesmo fato de 1910 com uns laçarotes onde colara o *Mundo*.

Floresceu muito o negocio do cidadão; subiu em consideração no bairro, decretava, dizia a miudo: Se eu fôsse ministro!... Desta massa é que eles se fazem — acrescentava, apalpando o flamengo.

Os fregueses encontravam nêle mais afabilidade. Escasseavam os generos mas dizia-lhes que não se ralassem, que para os seus fieis compradores sempre teria alguma coisa. Um bocadito mais carito mas que não faltava...

Dobrava os preços e em cada kilo só pesava meio, mas todos o admiravam, o festejavam, e se dispunham a votar nele para uma eleição municipal.

De repente, veio o Sidonio Paes com a sua revolta; deram-lhe volta á loja, encontraram o armazem atulhado de generos pôdres, chamaram-lhe açambarcador, fecharam-no no governo civil, onde gritava que era um martir politico, um perseguido por suas idéas. E era. Realmente este tinha idéas estranhas — como se descreveu — acerca de commercio,

Depois do Monsanto vingou-se. Jamais quiz saber de tabelas; dizia os preços que lhe apetecia, tão depressa podia vender um kilo de bacalhau por 20\$000 réis como por 30\$000, tudo dependia do seu arbitrio. O povo que pagasse, ele fôra um heroi na cadeia para salvar o patria e a republica. Que queriam? Quem quer martires do ideal, apóstolos, victimas, paga-os. Nunca imaginara vender alpista a 16\$000 réis o litro, mas conseguira-o. Os colegas imitavam-no, filiavam-se, e quando os ten-

deiros reuniam nos seus conciliabulos para os aumentos, o meu conhecido Elicito presidia. Basofiava; esperava ser deputado. A Elicitasinha já tocava a *Portuguesa* no piano e namorava um rapaz de futuro. Fôra seminarista e estava á bica para ministro da marinha, pois clamara como cabo contra os realistas e, durante a grande guerra, fôra dos que mais berrara:

— Juntemo-nos todos e vão!...

O queijo flamengo, cada vez mais rubro, subia até ao inacessível.

Ha dias, porém, quando mandaram o sr. Elicito pôr os preços nos generos, revoltou-se. Apopletisou-se. O quê? Pôr os preços? Mas assim toda a gente fica sabendo quanto eles sobem...

Nadal! Isso não... Viva o povo livre numa patria livre! a minha patria é a minha tenda... Expôr os preços?! Estão doidos... não; lá Elicito vá, mas Exposto, não, que eu não sou engeitado... Viva a republica!... Viva a minha patria!

Fecharam-lhe a mercearia. Derramou-se a gritar na sua associação, transportou os generos açambarcados para casa de um compadre, de noite, numa *lufa-lufa*, e chegou ao maximo da descrença o senhor Elisio Gadanha—o senhor Elicito—como lhe chamam na rua.

Agarrou o flamengo, esmurrou-o, atirou-o ao chão e gritou-lhe:

— Vá ser vermelho para o inferno!—E olhem que a indignação é muita para tal desvario. O queijo agora só serve para contrapezo.

## O miolo dos meus bonecos

### IV

#### A SUPERSTICIOSA

Não havia senhora como aquela na sociedade onde a velavam com respeito e submissão. Guardava em si o ar duma romantica e tudo quanto eram miserias da vida, estas banalidades da existencia, nem a roçavam. Eram as mais belas as suas atitudes, os mais espirituosos os seus sorrisos e conservando como uma soberana—os seus traços de cunho de moeda, não guardava linhas hieraticas, nem teatrais. Fazia tudo simplesmente, com o ar de pessoa bem nascida que não se confunde. A sua attitude de grande dama, de distinção, era tão natural como numa formosa pantera a voluptuosidade e como num belo puxão o arrastar magestatico da cauda. Nunca exhibia joias senão duma maneira discreta e tão bem escolhidas, dizendo com as *toilettes*, harmonisando-se tanto que mais parecia um modelo de bom gosto que uma nudez a paramentar-se todos os dias.

Era como os seus chapéus. Exquisitos ou simples, de vulgar palha ou de veludos discretos, ficavam-lhe sempre magnificamente. Guardava no andar um movimento ritmico e no mover das mãos uma graça melancolica.

Detestava os modernismos sem ter o ar de os condenar; apenas não os praticava e causava pena essa abstenção porque o seu corpo esbelto devia ter encantos novos num salto de *tennis*, todo loiro na luz, e porque à sua beleza diria bem uma blusa de remadora. Quando muito entrava numa quadrilha de honra, decotada, esplendida ou enfiava-se numa amasona azul, para uma galopada. De resto toda ella era harmonia, suavidade, duma attitude de bem propria, linda, inconfundivel. A grande dama—como lhe chamavam—causava invejas mas era inegualavel, até inimitavel.

Não se podia dispensar a sua presença nas festas; havia sobresaltos quando não aparecia; viam sempre á sua volta um bando de adoradores que não repelia mas incitava, e não se fazendo velha, lembrava um simbolo de todas as qualidades da sociedade elegante, como deve ser, ponderada, esplendorosa, *chic*, dum belo ar sem alardeios.

Não é exagero dizer-se que diante dela, ou pela tradição ou pelo proprio ar soberbamente a impôr-se e de forma alguma a parecer desejar-se que o vissem, todas se curvavam. Os homens adoravam-na; as mulheres imitavam-na, mal, tão mal, como se fossem apenas copias banais de um autentico Rubens.

Um dia, porém, não sei porque, aquela mulher deliquiesceu, desmaiou, ficou sem sentidos numa cadeira, no salão da senhora que mais pretendia parecer-se com ela e que se poz a desacolcheta-la, a desaperta-la, a verificar como ela se vestia, com os olhos de cubiça dum ladrão ante o conteúdo dum cofre regio.

Estava para ali caída na poltrona, muito livida; a sua carne começava a aparecer branca e côr de rosa, mas a outra recuava, ficava num pasmo diante das criadas que se debruçavam também, entreolhando-se.

Era negra, suja como um rodilhão, a camisa da grande dama. A rival apontava-a, parecia chamar a atenção das servas, radiante, ordenando que a desafogassem mais, felicissima ante o esfregão que a outra vestia sobre a sua pele macia, adoravel.

Ao despertar, sem rebuço, com a maior naturalidade, ela exclamou: Viste?! E' que fiz a Santo Antonio a promessa de andar um ano com a mesma camisa . . .

E ao dizê-lo, não perdia o seu ar, manejava o seu leque como se falasse dum perfume novo.

### NO PRÉLO:

AS SENSACIONAIS REVELAÇÕES COM  
DOCUMENTOS GRAFICOS Á CERCA DO

MARQUEZ DE POMBAL  
PUPILO DOS JESUITAS

OBRA DE

ROCHA MARTINS

EDIÇÃO DA «LUMEN»

